

Turismo y Responsabilidad Social

Edición Especial

ISSN: 2183-0800

www.isce-turismo.com



Volume 12 | Número 1 | Março 2019 [21^a. edição]
Volume 12 | Number 1 | March 2019 [21st edition]
Volumen 12 | Número 1 | Marzo 2019 [21^a edición]



20 anos
Departamento
Turismo@ISCE

UM MUSEU COMUNITÁRIO: CONSTRUÇÃO DO ATRATIVO TURÍSTICO NA ILHA MEM DE SÁ-SERGIPE-BRASIL¹

Estefanni Patricia Santos Silva

Instituto Federal de Sergipe, Brasil

Fabiana Faxina

Instituto Federal de Sergipe, Brasil

Silva, E. P. S. & Faxina, F. (2019). Um museu comunitário: Construção do atrativo turístico na Ilha Mem de Sá em Sergipe - Brasil. *Tourism and Hospitality International Journal*, 12(1), 70-81.

¹ Este artigo trata de apresentar a importância da elaboração de um plano museológico que será desenvolvido junto com a comunidade da Ilha Mem de Sá em Itaporanga D'Ajuda-Sergipe-Brasil, visando salvaguardar sua memória e fortalecer o turismo de base comunitária.

Resumo

A comunidade Ilha Mem de Sá está situada no Polo turístico Costa dos Coqueirais, numa ilha fluvial no estuário do rio Vaza Barris, localizada 23 Km da sede do município de Itaporanga D' Ajuda e a 53 Km de Aracaju, capital do estado de Sergipe, Brasil. A pesquisa analisa o atrativo museu enquanto uma potencialidade turística para a comunidade, tendo em vista a importância do desenvolvimento de um plano museológico para a gestão do turismo de base comunitária ao local. Leva-se em consideração que os museus possuem um papel decisivo na reafirmação das narrativas e significados históricos bem como os culturais no processo de apropriação pelos visitantes, pelos turistas, pela comunidade local. A pesquisa constitui-se de coleta de dados com levantamento bibliográfico, documental, entrevistas e observação sistemática. Os resultados mostram o interesse da população na elaboração do Plano Museológico do Museu Comunitário da Ilha Mem de Sá e as opiniões dos próprios moradores que constroem a comunidade cotidianamente, auxiliará efetivamente na elaboração desse novo atrativo turístico local. Verifica-se, então, a importância da elaboração de tal plano, visando a construção de um museu sob os princípios da museologia e do turismo de base comunitárias.

Palavras-chave: Turismo de base comunitária; Memória; Planejamento.

Abstract

The Mem de Sá Island community is located at the Costa de Coqueirais, on a fluvial island in the estuary of the river Vaza Brarris, located 23 km from the municipality's Itaporanga D 'Ajuda where it is located, and 53 km from Aracaju, capital of the state of Sergipe, Brazil. The research analyzes the attractive museum as a tourist potential for the community, considering the importance of developing a museological plan for the management of community-based tourism. It is considered that museums play a decisive role in reaffirming historical and cultural narratives and meanings in the process of appropriation by visitors, tourists and the local community. The research consisted of data collection with a bibliographical survey, documents, interviews and systematic observation. The results show the interest of the population in the elaboration of the Museological Plan of the Mem de Sá Island Community Museum. The opinions of the residents, who build the community daily, will help effectively in the elaboration of this new local tourist attraction. It is then verified the importance of the elaboration of such a plan, aiming at the construction of a museum under the principles of community-museology and community-based tourism.

Key words: Community-based tourism; Memory; Planning

Introdução

Este artigo relata a importância da elaboração de uma proposta de um Museu Comunitário na Ilha Mem de Sá, município de Itaporanga D’Ajuda, Sergipe - Brasil, que foi inspirada na vontade dos próprios moradores da comunidade em criarem um museu para registrar sua trajetória e ser mais um atrativo turístico para a localidade.

A pequena comunidade, composta por aproximadamente cem famílias, vive essencialmente da pesca artesanal e de prestação de serviços turísticos, caracterizado pelo turismo de base comunitária (TBC).

O TBC revela-se como uma alternativa ao turismo massificado, com menor densidade de infraestrutura e serviços, valorizando a vinculação aos ambientes naturais e à cultura de cada lugar. Não se trata, apenas, de percorrer rotas exóticas, distintas do turismo de massa. Personifica outro modo de visita e hospitalidade, diferenciado em relação ao turismo massificado, ainda que coincida com um mesmo destino (Bartholoet el., 2009). O Ministério do Turismo - MTUR (Brasil, 2010) o relaciona a uma atividade turística com gestão coletiva e o modo de vida da população local é uma das principais atrações turísticas.

Trata-se de modelo de planejamento e gestão que pode ocasionar benefícios positivos para as comunidades receptoras, uma vez que reduz os impactos socioambientais negativos e se configura como uma alternativa de renda que pode originar a melhoria das condições de vida locais (Faxina & Gonçalves & Souza, 2016).

A museologia comunitária é uma proposta de musealização que conta com a participação popular na valorização e na conservação do seu patrimônio cultural, cujos processos de tomada de decisões são realizados a partir de uma instância criada e gerida pela própria comunidade (Oliveira, 2015). Verifica-se que tem relação direta com o Turismo de Base Comunitária, modelo vigente de gestão do turismo na Ilha Mem de Sá, objeto deste estudo.

Os museus despertam o interesse de distintos públicos e podem ser enquadrados entre os atrativos turísticos do segmento de turismo cultural, sendo classificado pelo Ministério do Turismo como o “que se materializa quando o turista é motivado a se deslocar especialmente com a finalidade de vivenciar aspectos e situações que podem ser considerados particularidades da cultura” (Brasil, 2008). O espaço museológico se caracteriza por ter um papel decisivo na reafirmação dos discursos e significados históricos e culturais de um grupo.

Os autores Chagas e Nascimento Júnior (2009) afirmam que o museu promove a inclusão social, valoriza a identidade local, proporciona a busca pela viabilidade econômica e a preservação ambiental. Para tanto, é necessário estar em conjunto com a comunidade, uma vez que expõe o seu patrimônio cultural.

Segundo Oriá (2004), neste fim de século e milênio um fenômeno que vem tomado conta é a preocupação com a preservação da memória histórica, ou seja, o patrimônio cultural. Nota-se que a cada dia são divulgados dados de iniciativas destinadas à criação de centros de memória. E com esse pensamento, ressalta-se a ideia

da população da Ilha Mem de Sá, que por verificar a importância de um espaço de memória, solicita ter um museu na comunidade.

O museu comunitário é uma ferramenta para que a comunidade construa um auto-conhecimento coletivo. Cada pessoa que participa selecionando os temas a estudar, capacitando-se, realizando uma entrevista ou sendo entrevistado, reunindo objetos, tomando fotografias, fazendo desenhos, está conhecendo mais a si mesmo e ao mesmo tempo está conhecendo a comunidade à qual pertence. Está elaborando uma interpretação coletiva de sua realidade e de sua história (Lersch&Ocampo, 2008).

Com isso, busca-se apresentar a importância da elaboração de um plano museológico junto com a comunidade, visando o aumento de atrativos para a oferta turística local.

Esta ideia está de acordo com Del Vecchio (2014), quando diz que os destinos turísticos devem dispor de diversidade de produtos e serviços que possa atender às novas necessidades e expectativas da demanda.

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior, que visa elaborar o Plano Museológico do Museu Comunitário da Ilha Mem de Sá. Assim, apresentará a importância da elaboração de tal plano para a comunidade, bem como os benefícios da criação do referido museu para a história e o turismo local.

Foi realizado um estudo exploratório, que consistiu na revisão de literatura para delimitar a base conceitual do objeto de estudo. Também foi realizada pesquisa de campo, incluindo entrevistas com 38 residentes envolvidos em atividades relacionadas ao Turismo de Base Comunitária, buscando colher informações sobre as memórias do local onde o plano será elaborado; e observação sistemática, que contribuíram para caracterização da área de estudo. Os dados foram colhidos no ano de 2018.

Os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido constando a autorização para o uso dos dados. Cada qual foi identificado por um código, levando a palavra Morador e o número, que representa a sequência em que foi entrevistado. As entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas na íntegra no Microsoft Word 2010. Foi adotada a análise do discurso, uma vez que foram reunidas diversificadas opiniões sobre as memórias que vão compor a expologia do futuro museu. Alguns trechos das falas foram utilizados para ilustrar os resultados desta pesquisa.

Reflexões sobre o plano museológico no âmbito do turismo de base comunitária

Desde a promulgação da Lei nº 11.409 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, o documento alertou para a importância do cumprimento das particularidades características do órgão de tutela, a exemplo, o plano museológico.

Compreende-se que o Plano Museológico (PM) adotado no Brasil como um instrumento estratégico de gestão tem por princípios dez pontos sobretudo: 1.Possibilitar o equilíbrio e a estabilidade na gestão do museu, independentemente de sua direção e de seu corpo de trabalhadores; 2.Implantar uma estrutura básica de

funcionamento dentro da qual podem ser tomadas decisões estratégicas; 3. Assegurar a salvaguarda do acervo; 4. Tornar clara a missão e as ações do museu tanto para funcionários quanto para o público; 5. Definir com clareza as ações coletivas e individuais no interior do museu, estabelecendo as responsabilidades de cada área de trabalho; 6. Propiciar o uso mais eficaz dos recursos; 7. Pensar no museu como um organismo complexo e interdependente, a partir dos princípios estabelecidos no Estatuto de Museus e demais documentos normativos, e na importância de estabelecer um equilíbrio entre as suas partes; 8. Identificar situações emergenciais ou de risco iminente; 9. Levar em consideração a capacidade de solução dos problemas, através dos recursos de pessoal e orçamentários disponíveis; 10. Preparar o museu para novas realidades (Almeida, 2013).

A lei supracitada, em seu artigo 45, rege que o Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade. Esta mesma Lei também regulamenta a presença do profissional museólogo para a elaboração do Plano Museológico.

Ao expor suas memórias, moradores se interessam em destacar as formas de trabalhos da comunidade o que justifica, inclusive, a opção pela gestão do TBC no local. Segundo Cury (2009), o objeto de estudo dos museus e das coleções parte da relação do homem e a realidade; do homem e o objeto no museu; do homem e o patrimônio musealizado; do homem com o homem, sendo essa relação mediada pelo objeto. Assim, um Plano Museológico ao ser estruturado costuma buscar o encontro dessa pirâmide museal (homem, objeto e espaço), ou seja, o fato museal.

Partindo para a concepção da realidade, Tereza Scheiner (1998), elenca que o Real não é um, mas muitos, e que para operar o museu no habitual é preciso compreender quantos e quais os planos da realidade se articulam para configurar o ‘momentum’ particular de cada museu. Trabalhar no plano do Real é, portanto, ser capaz de entender as muitas faces da realidade concebidas em cada museu, e como se as representa.

Por meio de documentações que fomentam a criação de museus e os diálogos sobre a temática e o seu público, como a exemplo as Declarações de Santiago, no Chile, em 1972 e a de Caracas, em 1992, assim como do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), são reconhecidos os museus comunitários, os ecomuseus e outras alternativas de discussões museológicas que surgiram em diferentes contextos, para propor novos métodos de musealização (Café, 2007) e dessa forma, apresenta a perspectiva do diálogo entre o público que reside no local onde o museu será implantado para a construção do seu próprio museu.

Os autores Lersche Ocampo (2008) mencionam que o papel de um Museu Comunitário é o de essencialmente se converter em uma ferramenta para manejar o

patrimônio sob as formas do poder comum. O museu é um espaço voltado, em sua gênese, à comunidade, pois é sobre ela que o espaço comunica por meio do seu acervo. Nesse caso, esse museu será mais um atrativo turístico à ilha, cuja atividade de TBC ocorre, e, portanto, será mais um ponto de visitação ao turismo no lugar.

Desde os primórdios tempos dos museus, a visitação sempre foi um dos focos. No entanto, em sua gênese, o espaço tinha uma conotação de relicário, de lugar que servia para proteger riquezas tendo uma pessoa ou um grupo com posse desse acervo. Sobre a ideia de museu comunitário:

[...] o museu comunitário propicia a criação coletiva toda vez que oferece uma oportunidade às pessoas que participem dos processos coletivos para expressar suas histórias de sua própria maneira. A pessoa criativa não aceita soluções dadas, busca inventar novas formas de abordar sua realidade e o museu comunitário é um espaço de organização para impulsionar novas propostas e projetos comunitários (Lersch&Ocampo, 2008).

Conforme citam Cutrime Carvalho (2015), o museu comunitário se constitui por meio do resgate das memórias de objetos que tenham especial significado junto à comunidade e das informações acerca das manifestações culturais existentes.

A relação entre turismo e museu dialoga sobre a importância da busca pelo deleite, educação, cidadania, respeito às diferenças, ou seja, proporciona aos visitantes uma vasta experiência. Quem viaja torna-se mais crítico. As viagens possuem a característica de modificar o imaginário por meio das experiências.

A literatura Museu e Turismo do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2014) discorre que quando se abre um espaço para pensar a produção humana e as inovações prováveis no campo do desenvolvimento sociocultural, a relação entre museus e turismo alcançam uma opinião: garante a circulação, provocações, consegue valorizar as ciências e proporciona o acesso à produção material e imaterial dos grupos envolvidos nessa atividade.

O museu é capaz de construir e divulgar uma imagem, como uma “marca”, por ser polo de atração turística. Em âmbito local, costuma atuar como agentes de desenvolvimento, podendo promover a revitalização dos espaços urbanos, dinamização da economia da comunidade, além de ser uma alternativa para a geração de emprego e renda direta e indireta (IBRAM, 2014).

Os museus brasileiros fazem parte dos atrativos turísticos e são potenciais indutores de visitas (IBRAM, 2014), tendo a capacidade de promover atividades de criação de artesanato, artes plásticas, por exemplo.

Torna-se importante enfatizar a gestão TBC, cujo modelo se desenvolve na comunidade, tendo como objetivo, a valorização das iniciativas dos moradores locais, bem como, pensar o quanto que um museu agrega visitas e valorização do “fazer” cultural dos moradores.

De acordo com Chagas e Nascimento Júnior (2009), o entrosamento entre TBC e museu se dá ao passo que o turismo contribui para o desenvolvimento e a melhor qualificação dos museus e estes, por sua vez, contribuem para o estímulo e o alargamento de práticas turísticas culturalmente qualificadas. Com isso, percebe-se que

ambas as áreas se entrelaçam em constantes ações e promovem o fortalecimento dos seus interesses.

Pensando na elaboração do Plano Museológico dentro de um contexto de TBC, cujo objetivo desdobra-se na promoção da valorização do protagonismo presente no local onde ocorre o desenvolvimento da atividade turística em questão, vale ressaltar que:

[...] o turismo de base comunitária não visa atender a grandes demandas de visitantes, característica típica do turismo de massa. Neste sentido, é possível minimizar os impactos socioambientais negativos, oriundos da atividade e promover o desenvolvimento local” (Faxina & Gonçalves & Santos, 2016).

Um museu comunitário no turismo de base comunitária (TBC) estabelece relação com o associativismo, cooperativismo, agentes sociais, arranjos socioprodutivos e a economia solidária, visando ao desenvolvimento endógeno, uma vez que:

[...] o grupo que dirige o museu é uma instância organizada da comunidade, seja vinculada ao governo local, seja constituído como organização não governamental. Através do tempo, permite gerar habilidades, experiência e recursos sociais que fortalecem a capacidade para a autonomia. (Lersch&Ocampo, 2008).

A ideia do desenvolvimento de uma economia solidária, na qual as demandas de sustentabilidade sejam viabilizadas através da cultura, funciona como lócus de visibilidade, afirmação identitária e agregação de valor ao patrimônio local.

Os autores SansoloeBursztyn (2009) ao analisarem as ações de turismo comunitário no Brasil, ressaltam que as iniciativas têm em comum as lutas sociais, por terras, educação, direito a proteção de suas memórias, como a preservação dos recursos naturais, que inclusive, se caracterizam como a base de sustento da maioria das comunidades.

Nesse aspecto, vale salientar que o interesse que o Plano Museológico no âmbito do Turismo de Base Comunitária se encaixa com as definições de Museu Comunitário aqui apresentadas, e será conduzido com a participação dos moradores da comunidade.

A gênese de um museu comunitário na Ilha Mem de Sá

A comunidade da Ilha Mem de Sá teve sua povoação originada por três famílias que estabeleceram, ao longo do tempo, uma íntima relação com o meio ambiente circundante, a saber, os ecossistemas de restinga e mangue, fazendo da pesca artesanal sua principal atividade econômica (Gonçalves, 2017).

É administrada pela Prefeitura municipal de Itaporanga D’Ajuda, contém líderes comunitários, a exemplo de gestores locais que se integram por meio de projetos e administram a área. A líder da associação comunitária, no período correspondente a esta pesquisa, é professora do local e dialoga constantemente com os moradores com o intuito de sensibiliza-los para o desenvolvimento de ações ligadas ao turismo.

Durante a pesquisa, lideranças da comunidade informaram que a comunidade da Ilha Mem de Sá compreende uma população de aproximadamente 100 residências e com 375 pessoas. Entre os serviços turísticos, dispõe de uma pousada e duas

mercearias, além de bares e casas de famílias que fornecem almoço aos visitantes. Estas casas, por sua vez, são exemplos típicos de atividades caracterizadas pelo Turismo de Base Comunitária.

A comunidade possui, enquanto um gerador de renda, a interação com a natureza. A extração dos recursos naturais como os camarões, caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*), o aratu vermelho (*Goniopsis cruentata*), além das variedades de peixes constituem a base de sua economia, sendo as espécies que melhor representam os manguezais da Ilha, beneficiando a comunidade que utiliza estes recursos para o consumo e/ou comercialização dos crustáceos como também explorando como iguaria gastronômica turística local (Ribeiro & Andrade & Braghini, 2014).

Como citam Faxina, Gonçalves e Santos (2016) para chegar na Ilha, normalmente, por meio de barcos de pequeno porte conduzidos por barqueiros da comunidade, saindo do Porto dos Caibros, situado em Itaporanga D'Ajuda. Esta travessia leva aproximadamente dez minutos. Mas também existe a possibilidade de se chegar por embarcações maiores, lanchas e até mesmo com os pequenos barcos pela Orla Por do Sol, situada em Aracaju, estado de Sergipe. O percurso por catamarãs e barcos pequenos pode durar quarenta minutos.

O local é cercado por manguezal e banhado pelo rio Vaza Barris, daí o motivo de a pesca ser uma atividade frequente entre os moradores. As construções desenfreadas estão modificando a paisagem da ilha. Muitas pessoas descobriram o lugar e a comunidade está tentando gerenciar essa quantidade de novidades, ou seja, novas pessoas, novos costumes e mudanças paisagísticas. Por isso, faz-se necessário à exposição no futuro museu de dados das espécies naturais presentes na Ilha, para que o fomento à conservação das riquezas ambientais aconteça. Afinal, o museu é um espaço educativo, comunicativo que desperta a sensibilização aos visitantes sobre a expologia e expografia encontrada.

Sobre as características sociais, as pessoas são simples, muito acolhedoras e animadas com a ideia do turismo. As casas são bem próximas, poucas tem muros entre elas, mas, na maioria, só cercadas por arames. Todos se conhecem, quando chegam visitantes os orientam e costumam sempre indicar o almoço no restaurante e os passeios de barco.

O local oferece turismo de lazer. As pessoas são convidadas a fazerem passeios de barcos, a desbravarem manguezais e vazantes do rio, tendo o roteiro de ir até a Orla Pôr-do-sol, situada na capital Aracaju, podendo prosseguir até ao oceano atlântico. No entanto, explora-se mais o contato com o cotidiano dos moradores, a experiência de visitar um local com casas de poucos muros e mais acolhimento, de conversar com as pessoas e observar os seus aratus, peixes, artesanato, diversidade ambiental e cultural. Por outro lado, não há um espaço de preservação das memórias dos nativos, e devido a isso, o projeto do museu chegará com a perspectiva de atender a esta lacuna e proporcionar mais um atrativo turístico ao local.

A chegada de um museu na comunidade complementar a oferta turística, que tende a potencializar o local e torná-lo mais competitivo. Um espaço museológico

proporciona um encontro da comunidade com a sua identidade cultural. E nesse caso que o processo proposto está sendo construído junto com a comunidade, eles estão expondo no processo da pesquisa como querem que suas memórias sejam expostas no futuro museu.

Dessa forma, a construção do plano museológico que está ocorrendo na Ilha Mem de Sá parte da junção entre reunir e salvaguardar as informações sobre as características peculiares do local, por meio da exposição das memórias dos moradores, junto à perspectiva em obter mais um espaço de visitação: o museu.

O Plano Museológico tem como desígnio instigar e respaldar o trabalho de gestão de um espaço museu, organizando as diretrizes e objetivos que precisam ser discutidos pelo grupo de profissionais e comunidade através da conexão entre as áreas de funcionamento que permeiam a instituição, tanto de organização das ideias quanto no processo de implantação.

Na Ilha Mem de Sá, a ideia se iniciou da vontade dos próprios moradores em preservar a sua história. Assim um senhor chamado seu Salvador se ofereceu para ceder a sua própria casa, onde reside com a família, para abrigar o projeto. A casa é considerada pela população como a mais antiga da ilha, possui arquitetura simples, com mais de cinco cômodos. A pretensão é que a família se mude para uma casa nova que está em fase de construção.

Com isso, o Plano Museológico busca apresentar o desenvolvimento de ações que assegurem a preservação do acervo patrimonial, estabilizados pelo espaço museu na contemporaneidade. O plano ressalta a institucionalização e expõe prerrogativas que apresentam a organização do museu, bem como, caminhos legais que protegem o espaço. Sobre a historicidade que permeia a Ilha, para assim compor a expografia do futuro museu.

Sobre o início do povoamento na Ilha Mem de Sá, tendo como base as entrevistas, verificou-se que:

[...] Os primeiros donos da ilha foram dois trabalhadores da fazenda colégio e como aqui fazia parte da fazenda, eles se interessaram em ficar morando aqui. E aí dividiram no meio, fizeram uma cerca um morava na parte de cima e outro na parte de baixo. Eles criavam porco e gado. Os nomes Constantino e Tertuliano. Depois veio um pescador. *Morador 011*

Em relação às atividades econômicas desenvolvidas ao longo da história da Ilha, especialmente antes da chegada do turismo, os entrevistados relatam que se tratavam da pesca e agricultura de subsistência e produção de farinha, como pode ser observado no relato do Morador 34.

[...] Todo mundo vivia da pesca e também da roça, o agricultor, aí a pessoa vivia da sua plantação. Plantava mandioca, tinha casa de farinha, fazia as farinhas levava para São Cristóvão para vender. *Morador 034*

No decorrer da entrevista, o morador citou sobre as diferenças das formas como se manuseavam os equipamentos de pesca, e por meio dessa prática, foi iniciada a festa do caranguejo, festividade considerada um patrimônio da comunidade.

[...] Antigamente pegava aratu com um pote e hoje em dia é com um balde. A festa do caranguejo iniciou com o pessoal indo de casa em casa, poucas pessoas batucando. *Morador 09*

De acordo com os moradores, a rotina da comunidade e as festividades são consideradas atrações turísticas que motivam os visitantes a frequentar a Ilha. Com isso, as atividades manuais diárias são consideradas atrativos turísticos pela comunidade e assim ofertadas para o visitante visualizar quando na Ilha se encontra.

[...] O povo gosta de pescar mariscagem, pegar ostra, siri, aratus, peixe, camarão é o meio de renda do pessoal. Muitos pescam e revendem. *Morador 0.11*

No decorrer das falas, o sentimento de pertencimento à Ilha Mem de Sá, o interesse em ter um espaço museológico que apresente a todos que a visitação à Ilha vai além de ver água e caranguejo é algo verificável nas falas. O desejo em ver expostos dados sobre a história das famílias da Ilha se faz presente nas falas dos entrevistados, como pode se observar no trecho da fala do Morador 02 e 04.

[...] Porque hoje qualquer um pega aratu que é uma coisa difícil mesmo, tem que ter prática. Aí com um museu aqui as pessoas vão perceber que aqui é uma ilha que tem muita novidade. Daí quando as pessoas vierem, vão conhecer pois quando se fala da ilha o povo pensa que é só rodeada de água mas não é só ilha e coqueiro. Tem casas, moradores, muitas histórias pra contar sobre a ilha, tem tudo. *Morador 02*

[...] Eu doaria meu artesanato para o museu. Eu moro tem uns 30 anos na Ilha. Aqui era mato, poucas casas, tinha casa de farinha. Hoje são muitas casas, vindo esse povo de fora...*Morador 04*

É perceptível nas falas, durante esse processo de entrevistas, devido as mudanças que ocorrem constantemente na Ilha Mem de Sá, o receio em com o tempo perderem informações e objetos que remetem a historicidade do local. Assim, aqui apresentamos fragmentos do processo de construção que está ocorrendo do plano museológico junto à comunidade.

Conclusão

Por meio da elaboração de um Plano Museológico para a comunidade da Ilha Mem de Sá, em Itaporanga D'Ajuda - Sergipe, tendo em vista que há o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no local, consta-se que a participação da opinião dos moradores locais, ou seja, daqueles que conhecem com propriedade sobre a trajetória histórica e cultural, deve ser uma prioridade em toda a elaboração de um documento que rege um museu comunitário.

Ao entrevistar a comunidade, foi analisado o sentimento de pertencimento ao território e o quanto que as atividades que envolvem seus trabalhos manuais (faz parte dos atuais atrativos da Ilha) são motivos de orgulho e indispensáveis ao discurso do museu (expografia). Dessa forma, conta-se que sem o contato direto com os moradores do local não se consegue captar as informações que se consideram primordiais aos que nela habita e, conseqüentemente, não se consegue estruturar um plano de um museu comunitário.

O Plano Museológico busca proporcionar a reflexão quanto ao objetivo da instituição, direcionar a capacidade museológica e organizar as metas da gestão por meio de parâmetros. Não somente isso, o documento existe também para auxiliar na orientação para projetos vindouros dentro de uma concepção inicial de administração.

Analisar as falas dos moradores argumentando sobre o interesse em obter um espaço museal para que haja a preservação do seu patrimônio histórico (a princípio pensando por eles em peças antigas), com o objetivo de salvaguardar as suas memórias por meio da instituição museu é de estimado valor à agregação de novos atrativos para o TBC no local existente.

Verifica-se, desta forma, a importância da proposta de um Plano Museológico para allha Mem de Sá, respaldado nos princípios da Museologia Comunitária e do Turismo de Base Comunitária.

Referências

- Almeida, C. A. F. (2013). Plano Museológico - Marco de regulação da gestão museal no Brasil. In: Wagner Barja. (Org.). *Gestão Museológica*. Questões teóricas e práticas. Brasília: Câmara dos Deputados.
- Bartholo R., Sansolo D. G. & Bursztyn I. (2009). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem.
- Brasil (2008) Ministério do Turismo. *Turismo cultural: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. Brasília: Mtur.
- Brasil (2010). *Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública*. Ministério do Turismo. Brasília: Ministério do Turismo.
- Café, D.C. (2007). *Patrimônio, identidade e memória: proposta para a criação do museu do território de Alcanena*. Dissertação (Mestrado em Sociomuseologia) - Departamento de Arquitectura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Chagas, M. S. & Nascimento Junior, J. (org.). (2009). *Subsídios para a criação de Museus Municipais*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais.
- Cury, M. X. (2009). *Museologia, novas tendências*. In MAST. Museu e museologia: interfaces e perspectivas. Rio de Janeiro, p. 25–41.
- Cutrim, K.D.G., & Carvalho, C.B.B. (2015). Turismo, museologia comunitária e economia criativa: um olhar sobre o projeto “Museu Comunitário: histórias de vida da Vila Embratel” (MA). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.8, n.4, pp.500-517.
- Del vecchio, P., Passiante, G., Vitulano, F. & Zambetti, L. (2014). Big data and knowledge-intensive entrepreneurship: Trends and opportunities in the tourism sector. *Electronic Journal of Applied Statistical Analysis*, vol. 5, n. 1, 12-30. doi: 10.1285/i2037-3627v5n1p12.
- Faxina, F., Gonçalves, L. C., & Santos, D. K. (2016). *Do mangue à alta gastronomia: uma proposta de roteiro turístico na Ilha Mem de Sá, Sergipe, Brasil*. In

- SEABRA, G. (Org.). Conferencia de latierra – paisajes, suelos y biodiversidad: desafíos para unbuenvivir. Santiago de Chile: Universidad Central. 1746 p.
- Gonçalves, L. C. (2017). *Fortalecimento do turismo de base comunitária na Ilha Mem de Sá, Itaporanga D’Ajuda, Se, através da gastronomia*. 126 f. João Pessoa: UFPB.
- IBGE. (2010). *Pesquisa Anual de Serviços*. Retrieved from <https://cidades.ibge.gov.br>.
- IBRAM. (2014). *Museu e Turismo: estratégias de cooperação*. Brasília, DF: IBRAM.
- Lersch, T. M. & Ocampo, Cuauhtémoc Camarena. (2008). *O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?* Retrieved from www.abremc.com.br
- Oliveira, P. M. B. T. (2015). *Apropriações e invenções: a experiência dos museus comunitários do México (1958/1993)*. 187 f. Porto Alegre: UFRG. Retrieved from www.lume.ufrgs.br
- Oriá, R. (2004). *Memória e ensino de história*. In: BITTENCOURT, Circe (Org). O saber histórico na sala de aula. 11. ed. São Paulo: Contexto.
- Presidência da República. *Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009*. Retrieved from www.planalto.gov.br
- Presidência da república. *Lei nº 7.287 de 18 de dezembro de 1984*. Retrieved from www.planalto.gov.br
- Ribeiro, J.N., Andrade, T.S. & Braghini, C. R. (2014). Sabores, saberes e o desenvolvimento do ecoturismo na comunidade Mem de Sá, Itaporanga D’Ajuda, Estado de Sergipe. *Revista de Turismo Y Patrimônio Cultural*, Passos, v.12, n.2, p.409-424.
- Sansolo, D.; Bursztyn, I. (2009): “*Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro*”, In Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztyn, I. (Orgs.). *Turismo de base comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro, Letra e Imagem, pp. 142-161.
- Scheiner, T.C.M. (1998). *Apolo e Dionísio no templo das musas. Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental*. 152 f. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Silva, E. P. S. & Freitas, L. B. A. (2017). *Perspectiva da metodologia de hierarquização de atrativos turísticos na “Rota dos coqueirais”: O caso de Aracaju e Ilha Mem de Sá (Sergipe)*. Aracaju, IFS, 2017. No prelo.